



## TRABALHO-EDUCAÇÃO, MODOS DE VIDA E ESTRUTURA DE SENTIMENTOS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Lia Tiriba

Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)

Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Os modos de vida podem ser apreendidos como totalidade histórica quando consideradas as mediações primárias e as mediações de segunda ordem do capital (MÉSZÁROS, 2002), todas elas assentadas em questões de classe social, gênero, raça, etnia, religiosidade e geração que constituem as culturas dos trabalhos necessários para produção da existência humana (TIRIBA; SICH, 2011; TIRIBA, 2021). A afirmação de modos de vida configura-se, de acordo com William Souza (2020), como um elemento de resistência e negação de outros modos de produzir a vida social, os quais, de alguma maneira, entrelaçam-se em menor ou maior grau, de acordo com as determinações econômicas e culturais dos contextos históricos de luta por hegemonia.

No livro *O campo e a cidade*, de Raymond Williams (2011 a), que trata das relações campo/cidade na Inglaterra dos séculos XVII a XX é possível apreender que “estrutura de sentimentos” é uma importante categoria para análise de manifestações culturais, como arte, literatura e música, por exemplo. No entanto, se, de acordo com o método da lógica histórica, o conhecimento é produzido a partir de hipóteses sucessivas (THOMPSON, 1981), arriscamo-nos em afirmar que essas estruturas são indicadoras e, ao mesmo tempo, se constituem como elementos dos modos de vida, e em particular, das formas de fazer/ pensar/sentir as relações de trabalho e de convivência no interior de comunidades tradicionais. Ao reafirmar que o ideário do Comum (DARDOD; LAVAL, 2017) é o que move as relações sociais nos territórios, queremos nos aproximar dessa categoria que, por sua vez, requer que revisitemos a noção de “necessidades e expectativas”, mobilizada por Thompson (1987; 1998) para interpretação das experiências da plebe em defesa dos *Costumes em Comum* (1998).

Importante lembrar que, ao pesquisar e escrever a história (vista de baixo) do longo processo de *Formação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Thompson (1987) ressalta que as lutas de classe são sempre lutas por valores - valores estes que, em nosso entender, podem ser concebidos como expressões de estruturas de sentimento. Para Williams (1979, p. 134) essas estruturas carregam “elementos especificamente afetivos

2874

Realização:



Apoio:





da consciência e das relações”; e, por se tratar “não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado” (idem), acreditamos ser necessário considerar as contradições entre trabalho e capital, as contradições de existência humana e a própria práxis como unidade contraditória entre fazer/sentir/pensar (KOSIK, 1967)<sup>1</sup>.

## PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Partindo da premissa de que ao trabalhar, homens e mulheres criam cultura, o objetivo da pesquisa é apreender estruturas de sentimento que, na atualidade histórica, conformam modos de vida em comunidades tradicionais. Nos *Grupo(s) Ampliados de Pesquisa*<sup>2</sup>, a guisa de um *Questionário de 1880* (MARX, 1982), os modos de vida têm sido percebidos por meio de perguntas como:

Mediados pelo trabalho, que relações homens e mulheres estabelecem com a natureza? Qual o objetivo do trabalho? O que produzem e como produzem? Para que e para quem trabalham? Existe exploração do trabalho? Como são as relações de convivência no trabalho e em âmbito comunitário? Quais os critérios para distribuir os frutos do trabalho? Que sentidos são atribuídos ao trabalho de produção da vida social? Quais são as tradições, os costumes, as crenças e os valores que orientam a vida comunitária? Como a religiosidade se manifesta? Que relações estabelecem com o tempo de trabalho e com o tempo de ócio? Que relações estabelecem com a natureza e com o território onde produzem sua existência? Tendo como referência as unidades domésticas, quais são os parâmetros de qualidade de vida? O que dizem as crianças, os jovens e os adultos sobre a vida em comunidade? O que desejam para si, seus familiares e demais moradores? Quais são os saberes do trabalho? O que a vida ensina? O que a escola ensina? Quais as mediações do capital na conformação das maneiras de fazer, sentir e pensar a vida em comunidade? E em relação ao Estado? Quais são os conflitos, as dificuldades, os desafios e as formas de luta para preservação da vida em comunidade?

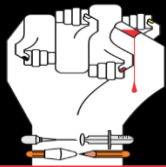
Além da necessária revisão de literatura, acreditamos que estas e outras perguntas podem nos aproximar das estruturas de sentimento que conformam os modos de vida em comunidades tradicionais. Na perspectiva de promover o diálogo entre conceito e evidência interrogada (THOMPSON, 1981), nossas referências são descobertas teóricas, bem como dados empíricos das comunidades abaixo, as quais se constituem e/ou se constituíram como objeto pesquisa de professores, mestrandos, doutorandos e bolsistas I. C. que participam dos *Grupo(s) Ampliados de Pesquisa*.

### Rondônia (09) - IFRO

Comunidade Quilombola do Forte Príncipe da Beira, Comunidade Quilombola Santa Fé e Reserva Extrativista do Rio Cautário (Costa Marques - RO); São Carlos do Jamari, Reserva Extrativista do Lago

<sup>1</sup> Como possíveis conceitos de junção, vale considerar a noção/conceito de “necessidades sentidas”, na perspectiva de Pérez Garcia (2022), de “desenvolvimento à escala humana” em Max-Neff (1993). Sobre possíveis aproximações entre experiência de classe e memória coletiva em Thompson e Halbwachs, respectivamente, ver Tiriba e Magalhães, 2017.

<sup>2</sup> Coordenado por Lia Tiriba (UFF) e Ana Elizabeth Alves (UESB), envolvendo grupos de pesquisa de diversas universidades, e que se reúnem mensalmente, de forma remota, desde abril de 2021. . .



Cuniã, Reassentamento Morrinhos e Reassentamento Santa Rita. (Porto Velho – RO); Assentamento Margarida Alves (Nova União - RO); Assentamento Palmares (Nova União - RO).

#### Pará (32) – UFPA, UEPA e PUC-RJ

Comunidades Extrativistas Caruarú e Tucumandeua (Mosqueiro/Belém – PA); Vila Martins Pinheiro (Marapim – PA); Comunidade Ribeirinha Salento (Igarapé Miri – PA); Comunidade de Pescadores da Vila de Genipapo (Cachoeira do Arari/Marajó – PA); Vila Pesqueiro (Souré/Marajó – PA); Vila Concórdia (Concórdia do Pará – PA); Comunidades ribeirinhas situadas na Estação Científica Ferreira Penna (Melgaço/Marajó – PA); Terra da Liberdade (territórios com 8 comunidades); Mupi; São Benedito; Porto Alegre; Ilha grande de Cupijó; Laguinho (Cametá –PA); Tambaí Açú; São José de Icatu; Vizânia; Santo Antonio do Vizeu; São Benedito do Vizeu; Itabatinga; Uxizal, Porto Grande; Mojutapera; Mazagão; Bracinho do Icatu (Mocajuba – PA).

#### Bahia (11) - UESB

Cachoeira dos Porcos, Baixão, Lagoa dos Patos, Furadinho e Campinhos (Vitória da Conquista – BA); Povoado do Peri Peri (Belo Campo - BA); Assa Peixe (Guanambi – BA); Povoados de Roçado Grande, Piedade e São José (Poções – BA).

#### Rio de Janeiro e Espírito Santo (04) - UFF

Maria Ortiz (Colatina - ES) e Mascarenhas (Baixo Guandu - ES); Benfica (Friburgo – RJ); Vale dos Lúcios (Teresópolis – RJ).

2876

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossas incursões nos territórios das comunidades tradicionais indicam que o capitalismo cria condições objetivo/subjetivas para que as pessoas se submetam aos imperativos do capital. Impossível desconsiderar que no governo Bolsonaro, até julho de 2021, o desmatamento havia sido de 57%. No primeiro semestre foram 3.025 km, ou seja, uma área maior das que ocupam cidades como São Paulo, Londres, Hong Kong e Nova York; foram derrubadas 10 árvores por segundo, de acordo com estimativa do Mídia Ninja. Por sua vez, a pesquisa da Comissão Pastoral da Terra (CPT) mostra um aumento, de janeiro a agosto de 2021, de 1.044% de mortes, especialmente de líderes indígenas, em função de conflitos no campo.<sup>3</sup> O agronegócio e o neoextrativismo avançam sobre os territórios que haviam sido assegurados pela Constituição de 1988, interferindo nos modos de produzir a existência dos povos e comunidades tradicionais que, ao longo da história, vêm coexistindo com o capitalismo. Em síntese, vivemos a ascensão da extrema direita pelo uso e apologia indiscriminada da violência contra seus opositores políticos, entre eles os povos e comunidades tradicionais. A devastação ambiental e as formas de violência às culturas tradicionais têm sido objeto de necropolíticas assentadas no racismo estrutural, homofobia, machismo, xenofobia,

<sup>3</sup> De olho nos ruralistas. Disponível em <https://deolhonosruralistas.com.br/2021/12/13/mortes-em-virtude-de-conflitos-no-campo-aumentam-1-044-em-2021/> Acessado em 26/01/2022.



intolerância religiosa, entre outros. Sem falar do Pacote da Destruição<sup>4</sup>, com cinco Projetos de Lei que visam legalizar o que, embora considerado ilegal, constitui-se como acumulação por expropriação e espoliação (HARVEY, 2003) ou acumulação primitiva permanente do capital (BRANDÃO, 2014).

Ainda assim, graças às lutas históricas de reafirmação dos modos de vida (SOUZA, 2020), observamos que, de uma maneira geral, mediações primárias se sobrepõem às de segunda ordem do capital: a criação de laços de solidariedade e associatividade tem como horizonte a preservação da vida material e simbólica das famílias e das comunidades. As formas de convivência no trabalho e na vida cotidiana se caracterizam por vínculos estreitos com a natureza, cuja relação é de intercâmbio e de equilíbrio vital. As relações de parentesco e de vizinhança são construídas com fortes laços comunitários, visando a conservação de costumes e tradições. Em síntese, embora o ideário do Comum seja o que move as práticas econômico-culturais, contraditoriamente, os modos de vida se circunscrevem entre a reprodução ampliada da vida e a reprodução ampliada do capital (TIRIBA, 2018).

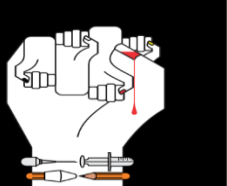
2877

## CONCLUSÕES

Para Marx e Engels (1987, p. 117), “apenas na coletividade [de uns e outros] é que cada indivíduo encontra os meios de desenvolver suas capacidades em todos os sentidos; somente na coletividade, portanto, torna-se possível a liberdade pessoal”. No entanto, por se tratar de uma pesquisa recém iniciada, carecemos de novos dados empíricos que nos permitem evidenciar “estruturas de sentimentos” como elementos constituintes de modos de vida. Afinal, a densidade de um conceito ou de uma teoria pressupõe a apreensão de algum tipo de norma ou regularidade dos fenômenos que permita certa generalização e, como adverte Thompson (1981, p. 50), “são falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações da evidência”, a qual deve ser entendida sempre como “evidência interrogada”. Importante lembrar que o conhecimento “é, pela sua natureza, (a) provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico), (b) seletivo (mas não, por isso, inverídico), (c) limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só ‘verdadeiro’ dentro do campo assim definido (THOMPSON, 1981, p. 49).

<sup>4</sup> ‘Pacote da Destruição’ é duro golpe contra o meio ambiente e afeta gerações atuais e futuras. Rede Brasil Atual. 09/03/2021. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2022/03/pacote-da-destruicao-meio-ambiente/>. Acessado em 13/03/2021.





**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho-educação. Economia e cultura. Estrutura de sentimentos. Comunidades tradicionais.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo. In.: ALMEIDA, Alfredo Wagner (et. al.). **Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras de acumulação no Brasil contemporâneo** / Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL Christian. **Comum. Ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017

HARVEY, David (2003). **O novo imperialismo**. São Paulo, Loyola, 2004.

KOSIK, Karel. Dialética da moral e a moral da dialética. **Revista Civ. Brasileira**, 1967, p.91-106.

MARX, K.; ENGELS, F. **Ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MARX, K. O questionário de 1880. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982, p. 249-256.

MAX-NEFF, Manfred. **Desarrollo a escala humana**. Montevideo: Nordan-Comunidad, 1993.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

PÉREZ GARCIA, J.J. Necesidades sentidas: ensayo sobre luchas comunitárias en territorios rurales en Cuba y Amazonia Tocantina Paraense-Brasil. **Revista Trabalho Necessário**, 2020, ano 20(41), 01-23.

SOUZA, William Kennedy do Amaral. **Trabalho-Educação, Economia e Cultura em Povos e Comunidades Tradicionais: A (Re)Afirmção de Modos de Vida como Forma de Resistência**. 2020. 222f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói.

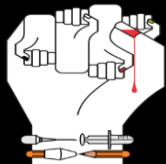
THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TIRIBA, Lia. Reprodução ampliada da vida: o que ela não é, parece ser e pode vir a ser. **Otra Economía**, 11 (20): 74-87, Julio-Diciembre 2018.

2878



TIRIBA, Lia. Modo(s) de vida e modos de produção da existência humana: ensaio teórico-metodológico. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v.13, n.2, p.407-419, ago. 2021.

TIRIBA, Lia; SICHI, Bruna. Os trabalhadores e a escola: de olho na(s) cultura(s) do trabalho. In: TIRIBA, Lia e CIAVATTA, Maria. **Trabalho e educação de jovens e adultos**. Brasília: Ideias e Livros, pp.239-275, 2011.

TIRIBA, Lia; MAGALHÃES, Livia. Experiência de classe e memória coletiva: possíveis aproximações entre E.P. Thompson e Halbwachs. In BERTONI, L.; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. (Orgs): **Crise, conflitos e conhecimento no mundo contemporâneo**. Campinas, SP: Librum, 75-86.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia da Letras, 2011a.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011b.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

2879

Realização:



Apoio:

